



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA

WILMA OLIVEIRA DO NASCIMENTO

BULLYING ESCOLAR: uma violência silenciosa

CUITE DE MAMANGUAPE - PB

2017

WILMA OLIVEIRA DO NASCIMENTO

BULLYING ESCOLAR: uma violência silenciosa

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Marlene Helena de Oliveira França

CUITE DE MAMANGUAPE – PB

2017

N244b Nascimento, Wilma Oliveira do.

Bullying escolar: uma violência silenciosa / Wilma Oliveira do Nascimento. – João Pessoa: UFPB, 2017.
47f.

Orientadora: Marlene Helena de Oliveira França
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia –
modalidade à distância) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de
Educação

1. Bullying. 2. Violência escolar. 3. Vítima e agressor. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.06(043.2)

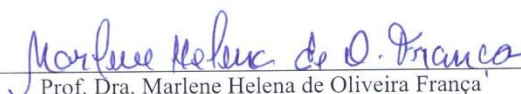
WILMA OLIVEIRA DO NASCIMENTO

BULLYING ESCOLAR: uma violência silenciosa

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Marlene Helena de Oliveira França

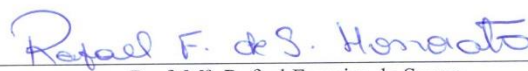
Aprovada em: ____/____/____/



Prof. Dra. Marlene Helena de Oliveira França
CE/UFPB
Orientadora



Prof. Dr. Magno Alexon Bezerra Seabra
CE/UFPB
Examinador



Prof. M.º. Rafael Ferreira de Souza
CE/UFPB
Examinador

Dedico primeiramente a Deus, por estar sempre ao meu lado me dando forças. A todos da minha família, que estão sempre me motivando, em especial aos meus pais e meu esposo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem seu amor e misericórdia não teria chegando até aqui. Sou imensamente grata a ti Senhor por tudo que tens feito em minha vida e por concluir mais uma etapa de minha vida.

À minha família, que é a maior incentivadora, pois, é ela que sempre me mostra o tamanho de minha capacidade, em especial aos meus pais, Antônio Bezerra do Nascimento e Maria José Oliveira do Nascimento por todo carinho, cuidado e educação, e aos meus irmãos Wandemberg e Lindemberg.

Ao meu esposo Luís Carlos que sempre me incentiva a alcançar novas metas, que soube entender quando não estive presente em alguns momentos, por dedicação aos estudos e por vibrar juntamente comigo com as minhas conquistas.

A minha orientadora Marlene França que contribuiu de forma significativa para conclusão desse trabalho, que sempre se fez disposta a ajudar, com suas orientações, dedicação, compromisso e responsabilidade.

A professora Idesuíte, por toda formação e atenção oferecida, e a minha tutora presencial Renata Ângelo que estava sempre disposta a ajudar, contribuindo assim para o meu crescimento acadêmico.

As amigas, Lúcia de Fátima Farias e Maria da Penha Lima, que estiveram sempre ao meu lado dando força e mostrando sempre muita compreensão e amizade.

A todos os parentes e amigos que fazem parte de minha vida, pois os mesmos de forma direta ou indireta contribuíram para o sucesso dessa jornada.

*“Para transformar o mundo é preciso, antes,
pensa-lo diferente”.*
(Hannah Arendt)

RESUMO

A violência nos espaços escolares tem se tornado um fato comum e sua elevada incidência tem gerado consequências danosas ao desenvolvimento psicossocial de crianças e jovens em idade escolar. Trata-se de um grande e preocupante fenômeno em expansão: o *bullying*. Essa prática danosa vem ganhando cada vez mais espaço nos ambientes escolares e apresenta consequências nefastas para estes espaços, assim como para a construção de relações saudáveis entre os estudantes. Com a expansão das novas tecnologias, como celulares, tablets e computadores, a maneira como as agressões ocorrem também vem se modificado drasticamente, atingido as crianças e os jovens de forma tão direta quanto a violência física propriamente sofrida por estes sujeitos. Neste contexto, o presente trabalho tem como principal objetivo debater esta problemática fazendo um estudo sobre suas causas, consequências e as medidas que podem ser adotadas nos ambientes escolares para combater este fenômeno. Como fundamentação teórica do estudo nos embasamos em autores que transcorrem pela temática, tais como: Bock (2002), Lopes (2005), Candau (1999), Bulgræen (2010), Calhau (2009) e Silva (2010). Estes autores vem discutindo conceitualmente esta problemática, buscando evidenciar os transtornos ocasionados na vida das vítimas, bem como o papel da família e da escola no combate ao fenômeno abordado. A metodologia da pesquisa se deu por meio de uma abordagem qualitativa, utilizando como instrumento um questionário com perguntas subjetivas, direcionadas aos docentes e discentes de uma instituição de ensino localizada no Município de Cuité de Mamanguape, Estado da Paraíba. Após a aplicação dos questionários, foi realizada a análise das respostas, resultando no entendimento do crescente índice de *bullying* no espaço escolar. Os resultados da pesquisa demonstraram que o *bullying* é uma modalidade de violência que incide de forma direta na vida das crianças e dos jovens. Neste contexto, mesmo não havendo um estudo aprofundado deste fenômeno por parte dos docentes entrevistados, estes compreendem a gravidade do fenômeno, demonstrando que há uma relação direta entre os atos violentos e a desmotivação dos discentes, gerando, consequentemente, prejuízos ao processo de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Bullying. Violência Escolar. Vítima e Agressor.

ABSTRACT

The violence in school spaces has become a common occurrence and your high incidence has generated damaging consequences to the psychosocial development of children and young people of school age. This is a major and worrying phenomenon in expansion: the *bullying*. This harmful practice is gaining more and more space in school environments and introduces harmful consequences for these spaces, as well as for building healthy relations between students. With the expansion of new technologies, such as cell phones, tablets and computers, the way the attacks occur also has been modified dramatically, hit children and young people so as to direct actual physical violence suffered by this subject. In this context, the present work has as main objective to discuss this problem doing a study about its causes, consequences and the measures that can be adopted in school environments to combat this phenomenon. As a theoretical basis for the study in embasamos in authors who set the theme, such as: Bock (2002), Lee (2005), Candau (1999), Bulgraeen (2010), Boulder (2009) and Silva (2010). These authors has been discussing this issue conceptually, seeking to highlight the troubles caused in the lives of victims, as well as the role of the family and the school in combating the phenomenon. The methodology of the research took place through a qualitative approach, using a questionnaire as an instrument with subjective questions, directed to teachers and students of an educational institution located in the municipality of Cuité de Mamanguape, State of Paraíba. After application of the questionnaires, analysis of responses, resulting in the understanding of the growing rate of *bullying* in the school space. The survey results demonstrated that the *bullying* is a form of violence that focuses directly on the lives of children and young people. In this context, even in the absence of an in-depth study of this phenomenon on the part of the teachers interviewed, these include the seriousness of the phenomenon, showing that there is a direct relationship between violent acts and the motivation of students, generating thus damage to the teaching process learning.

Keywords: Bullying. School Violence. Victim and Aggressor

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O FENÔMENO BULLYING: SITUANDO O PROBLEMA EM QUESTÃO..... | 12 |
| | 2.1 Fatores motivacionais associados a prática do bullying..... | 18 |
| | 2.2 sujeitos do bullying..... | 18 |
| 3 | CYBERBULLYING: VIOLÊNCIA VIRTUAL..... | 23 |
| 4 | PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA..... | 28 |
| 5 | APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA..... | 30 |
| | 5.1 Análise e discussão dos dados da pesquisa realizada com os alunos..... | 30 |
| | 5.2 Análise e discussão dos dados da pesquisa realizada com os professores.... | 32 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 37 |
| | Referências..... | 40 |
| | ANEXOS..... | 43 |

1 INTRODUÇÃO

A violência no ambiente escolar tem se tornado uma prática usual, rompendo profundamente com a ideia de que este espaço conduz a uma atmosfera de paz e fraternidade. Deste modo, em praticamente todas as regiões do país tem crescido acentuadamente os relatos de agressões envolvendo alunos de diferentes faixas etárias e níveis de ensino.

Manifestadas de maneiras diversificadas, as agressões se apresentam de múltiplas formas: forma verbal, física, emocional, sexual ou por meio *Cyberbullying*, quando o agressor se utiliza de ferramentas tecnológicas, como aparelhos celulares, tablets ou computadores, para cometer práticas delituosas de desmoralização e intimidação contra seus pares.

Neste contexto, as investidas frequentes de violências contra crianças e adolescentes (ou mesmo professores) no ambiente escolar, afeta profunda e negativamente estes sujeitos, refletindo diretamente no rendimento apresentado em sala de aula, como notas baixas, falta de interesse em estar na escola, isolamento, problemas de saúde, mudanças sócio – comportamentais dentre outros distúrbios importantes.

No Brasil, os atos violentos ou de intimidação entre alunos tem ganhado uma denominação própria: “*bullying*”.

O termo tem sido amplamente utilizado tanto no âmbito educacional quanto jurídico e compreende toda e qualquer forma de agressão, injúria ou comportamentos violentos repetitivos e sem motivação, sendo praticados por uma ou mais pessoas contra indivíduos considerados indefesos ou incapazes de reagirem diante de um ato agressivo.

Com o aumento crescente do uso da internet por crianças e jovens em idade escolar, o conceito e a forma de intimidação apresentada pelo *bullying* passou a ganhar novos contornos. Se os atos violentos praticados nos ambientes escolares outrora limitavam-se aos corredores e pátios das instituições de ensino, agora as agressões passaram a fazer parte das comunidades virtuais (*Cyberbullying*) e dos inúmeros aplicativos disponibilizados facilmente em plataformas digitais.

Neste sentido, se por um lado o aumento no acesso a estas ferramentas representa um avanço no acesso ao conhecimento dos estudantes, por outro tem demandado considerável preocupação entre pais e educadores, pois expõe cada vez as crianças e os jovens a situações vexatórias e abusivas.

Protegidos pelo “anonimato” do mundo virtual, os *Cyberbullying* amedrontam, intimidam e induzem suas vítimas a cometerem diferentes formas de violência física e

psíquica contra si ou alguém, como opressão, intimidação, medo, terror ou até mesmo (em casos extremos, porém não incomuns) a morte.

Portanto, é justamente frente a estas graves questões que surge a necessidade e o interesse pela elaboração deste estudo, no qual buscamos problematizar a temática em questão, tentando apresentar as relações de causalidades atreladas ao fenômeno *bullying*, bem como as suas presumíveis consequências para o desenvolvimento psicossocial dos sujeitos vitimados por esta prática.

Nesta perspectiva, elegemos para esse estudo os seguintes objetivos: Investigar se no ambiente de pesquisa existem situações que caracterizem o bullying; Identificar os danos ocasionados pela prática do bullying na vida da vítima e de dos familiares; Constatar se no ambiente em estudo existe ações ou programas informativos que busquem combater a prática do bullying.

A fim de atingirmos estes objetivos, desenvolvemos uma pesquisa de campo junto a Escola Municipal Luiz Joaquim, localizada, no centro da cidade de Cuité de Mamanguape-PB, cujo o interesse esteve centrado na análise sobre a percepção dos alunos e professores acerca do fenômeno *bullying* e como estes sujeitos lidam com essa problemática em seu cotidiano escolar.

Neste contexto, tomando como norte a problemática levantada, questionamos: de que forma o bullying afeta a vida dos sujeitos envolvidos? Que danos são ocasionados aos mesmos? De que modo a comunidade escolar pode contribuir para solucionar, ou minimizar, as práticas de violência existentes entres os alunos?

Para uma melhor exploração do tema abordado, estruturamos essa monografia em quatro capítulos, organizados da seguinte forma: no primeiro abordamos a questão conceitual do bullying, apresentado alguns pressupostos teóricos e factuais que norteiam o problema em questão. No segundo capítulo são apresentadas algumas considerações importantes sobre o *Cyberbullying* e os impactos provocados na vida das crianças e dos jovens vitimados pelo fenômeno. Por fim, no terceiro, quarto e quinto capítulo são apresentados, respectivamente: os objetivos gerais e específicos, os dados coletados e analisados e as considerações finais do trabalho.

2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O FENÔMENO BULLYING: SITUANDO O PROBLEMA EM QUESTÃO

A violência e a intolerância, numa perspectiva generalizada, têm ocupado um lugar central nas relações sociais contemporâneas, suscitando debates e questionamentos sobre os condicionantes comportamentais de indivíduos e grupos sociais.

Seja no Brasil ou em qualquer outra parte do mundo ela tem se manifestado de formas extremamente diferenciada, com sujeitos diversos, sem espaços pré-determinados para acontecer e em muitos casos sem motivação alguma.

No Brasil, de modo muito peculiar, a violência e a intolerância têm atingindo espaços nos quais deveriam prevalecer o censo de igualdade e justiça entre seus integrantes, como é o caso das práticas agressivas apregoadas nos ambientes escolares entre alunos, alunos e professores ou professores contra alunos.

Com frequência a mídia tem apresentado casos graves de agressão entre estudantes, muitos deles, inclusive, com fins trágicos. São situações preocupantes, que contrariam completamente os princípios educativos da boa convivência e da paz coletiva.

Em março de 2011, no Estado do Rio de Janeiro, uma tragédia acendeu a luz vermelha sobre a violência existente por trás dos muros das escolas, colocando em cheque o papel do Estado e da sociedade frente aos atos violentos praticados contra alunos (as) em sala de aula.

Armado com dois revólveres carregados de munição, Wellington Menezes de Oliveira, 23 anos, ex aluno da Escola Municipal Tarso da Silveira, assassinou brutalmente 12 estudantes sem oferecer a mínima chance de defesa aos mesmos. Eram meninos e meninas com faixa etária entre 10 e 12 anos que tiveram suas trajetórias alteradas de forma barbara e sem possuir nem uma relação direta com o criminoso. A estapafúrdia alegação para o crime, segundo depoimentos deixados por meios de cartas e vídeos, recaiu sobre episódios de *bullying* sofridos em anos anteriores pelo ex estudante.

Após cometer o crime, Wellington Menezes também atentou contra a própria vida, demonstrando vingança contra os alunos e contra si mesmo; uma exposição clara de uma personalidade que oscila entre um ódio reprimido e a sede por uma justiça avessa.

O fatídico episódio ficou nacionalmente conhecido como “Massacre do Realengo”, uma alusão ao bairro no qual ocorreu a tragédia. Depois do crime ocorrido no Rio de Janeiro, outros episódios envolvendo violência em sala de aula continuaram explodindo pelo país de

forma crescente, demonstrado preocupação e receio entre pais, educadores e estudiosos.

À época, uma série de hipóteses foram levantadas sobre a sanidade de Wellington: alguns que ele estava ligado a grupos radicais Islâmicos, outros, que o assassino possuía um quadro severo de esquizofrenia paranoide. Poucos, no entanto, levantaram a hipótese de que Wellington tinha sofrido episódios de agressões por parte de colegas, conforme relatos colhidos por ex alunos com os quais ele havia estudado em anos anteriores.

É fato que este terrível e macabro episódio ocorrido no Rio de Janeiro não representa a totalidade dos casos de violência que vem ocorrendo nos últimos nos espaços escolares brasileiros, contudo – pela própria dimensão social que tomou -, ilustra com veemência os danos sociais provocados pela prática do *bullying* dentro das escolas públicas ou particulares de todo o Brasil.

A violência apregoada pela prática do *bullying* está cada vez mais presente em nossa sociedade contemporânea e representa um desafio a ser superado. Diariamente episódios de agressão são noticiados; são ataques brutais, que refletem um quadro de uma juventude que cresce em um ambiente social doentio, sem limites e cada vez mais humanamente insensível. Com frequência ouve-se nos meios de comunicação: “criança é encontrada portando arma na escola”, “jovem corta colega de turma com estilete”, “aluno agride professor em sala de aula”.

O grande desafio de combate a prática da violência entre alunos tem exigido das escolas e dos seus profissionais um esforço cada vez maior, no sentido de minimizar os transtornos provocados pela violência verbal, física, material, psicológica, moral, sexual e virtual como contras alunos e alunas em idade escolar.

Para Almeida (1999, p.178) o termo *bullying* estar intimamente ligado a atos como: “abusar dos colegas”, “vitimizar”, “intimidar”, e “violência na escola”. No Brasil não há uma definição única que determine a prática do *bullying*, possuído a sua denominação múltiplas colocações, como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação, maltrato, “chacota”, “zombaria”, “zoação” dentre outros.

Silva (2010, p.40.) ao tratar do tema destaca que a

A expressão *bullying* corresponde a um conjunto de atitudes de violências física e/ou psicológica, de caráter intencional ou repetitivo, praticado por um *bully* (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender.

A prática do *bullying* no ambiente escolar pode acontecer de forma silenciosa, levando dias, meses ou até anos a sua descoberta. Geralmente o receio de ser ridicularizado,

faz com que as vítimas do *bullying* ocultem os insultos e as agressões, daí a importância e atenção de pais e professores as alterações do estado geral das crianças e dos adolescentes.

Em muitos casos a descoberta da violência sofrida pelas crianças e pelos jovens somente passa a ser percebida quando as vítimas começam a apresentar sintomas físicos ou comportamentais incomuns, como quadros depressivos, isolamentos, perda do apetite dentre outros.

Por este motivo se faz necessário que toda comunidade escolar, assim como a família, tenham conhecimento de tal problemática, de modo que a vítima do *bullying* seja identificada e acolhida. É de extrema importância que os membros que compõem as instituições de ensino, ou qualquer espaço em que haja casos de agressão, sejam capazes de reconhecer as diversas formas de violações provocadas pelo *bullying*. Nessa perspectiva, para compreendermos melhor o fenômeno do bullying é necessário refletirmos sobre o papel e a função da escola na nossa sociedade, assim como sua contribuição no processo de combate a violência.

De acordo com Bock (2002, p. 240)

Hoje em dia a escola é vista como uma das mais influentes instituições sociais, tendo como principal função mediar a relação entre os indivíduos e a sociedade, ou seja, transmitir a cultura através dos valores e modelos sociais que revelam certos padrões de comportamento. E que estes padrões sejam endossados na cultura de paz, do conviver em harmonia respeitando as diferenças e a singularidade de cada indivíduo.

No entanto, a influência social assumida pela escola, assim como a sua função, tem passado por profundas transformações nas últimas décadas. Moldada para orientar os processos formativos dos indivíduos, buscando inseri-los numa cultura de paz, a escola tem tido consideráveis dificuldades de adaptação ao cenário de violência posto diante da mesma. Deste modo, compreendemos que as instituições de ensino, tanto públicas quanto privadas, não assimilaram em sua totalidade a dimensão dos conflitos psicossociais vinculados a prática do bullying.

Esta colocação pode ser justificada pela própria dimensão que os atos violentos (tanto o *bullying* quanto *Cyberbullying*) tomam em relação as ações propostas pelas instituições. Controlar, por exemplo, milhares de mensagens, vídeos, postagens, áudios... não é uma tarefa fácil. Impedir que crianças e jovens deixem de usar celulares ou computadores, na tentativa de afastá-los dessas ameaças, também não nos parece uma alternativa viável.

Portanto, a solução, ou atenuação dos fatos, talvez não esteja em impedir que as

crianças e os jovens tenham a essas ferramentas, mas sim como estes sujeitos podem usa-las de forma benéfica.

Neste contexto, Lopes (2005) destaca que o termo *bullying* tem sido utilizado para designar uma prática perversa de humilhações sistemáticas de crianças e adolescentes no ambiente escolar e, também fora dele.

Diante dessas definições, torna-se evidente que a violência escolar comporta todos os atos agressivos e antissociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos. Estas condições, como dito em outros momentos, podem ter origem no âmbito familiar, social ou mesmo cultural.

É inegável não afirmar que as tendências comportamentais da sociedade não venham sendo reproduzidas na escola.

O aluno leva para esse espaço toda influência que recebe do seu contexto social, isso é, todas as suas relações afetivas, familiares e sociais. Deste modo, os jovens e as crianças que convivem em ambientes saudáveis e harmoniosos a tendência é que a escola também seja uma extensão dessa condição.

Do mesmo modo, se as crianças e os jovens vivenciam suas vidas em ambiente conturbados, sem sobra de dúvidas este cenário irá contribuir para que a escola deixe de ser um ambiente seguro, modulado pela disciplina, amizade e cooperação, transformando-se em num espaço de violência, sofrimento, medo, angústia e insegurança.

Nesta perspectiva, o ambiente escolar passa ser o oposto de tudo aquilo que se espera do mesmo, tornando-se um lugar assustador e desagradável às vítimas dessa prática.

O grande desafio das instituições de ensino em relação a prática do *bullying* e do *Cyberbullying* estar no desenvolvimento de ações que fortaleçam o combate a violência imposta aos jovens. É importante destacar, contudo, que esse não é um papel exclusivo das escolas; a sociedade e o Estado também possui a sua função, principalmente com a implementação de políticas públicas de proteção e combate aos crimes contra a juventude.

Neste sentido, a escola se configura como espaço ricos e propícios para problematizar a questão da violência contra os jovens, mas estas ações precisam ir para além das salas de aula. De nada adianta desenvolver palestras, oficinas ou programas pontuais se não houver uma proteção integral, que minimize os riscos e assegure condições psicossociais favoráveis ao pleno desenvolvimento das crianças em idade escolar.

Partindo desse pressuposto é necessário reconhecermos a importância do debate e, conseqüentemente, da prevenção dessa prática tão destrutiva que atinge a todos de forma

direta e indireta.

Segundo Prina (2003), muitos pais justificam a violência de seus filhos, como uma resposta ao fato de serem tratados de maneira injusta ou discriminatória pelos professores, ou para se fazer respeitar.

Além disso, acusam os professores de não saber agir com severidade quando o filho é vítima de situações tidas como violentas, e com compreensão quando os filhos são os agressores. Ainda conforme o autor, os professores fazem o inverso, culpando os pais, considerando-os desatentos ou até mesmo responsáveis pelas atitudes dos filhos. Raramente veem o ambiente escolar, como corresponsável pelos comportamentos violentos, nem reconhecem a presença da agressividade na relação com os alunos.

Deste modo entendemos que o trabalho de combate ao *bullying* parte de uma condição multi-social. Portanto, é necessário a participação dos pais, funcionários, professores e alunos nos projetos anti-bullying. “Essas ações visam uma conscientização geral, indo desde o apoio às vítimas até a conscientização dos agressores sobre os seus atos” (LOPES, 2005, p.166).

Por essa razão, se faz necessário que tal problemática seja vista de forma ampla, contemplando todos os envolvidos. E os pais, assim como os professores, são peças chave para detectar e buscar meios que venham solucionar esta situação. Partindo de propostas e ações efetivas que mostrem principalmente ao agressor os malefícios de suas ações em relação ao próximo e também a negatividade que será ocasionada em sua própria vida.

Neste cenário, as escolas precisam repensar suas práticas, enxergar o que realmente está faltando em seus alunos, perceber suas carências e criar ações que tratem das emoções de seus discentes, de tal modo que estes sejam capazes desse tornarem adultos mais amorosos e menos preconceituosos, entendendo e aceitando as suas diferenças e as dos seus pares.

A violência familiar, sofrida por crianças e adolescentes, também tem sido motivo de grande preocupação dos educadores, pois “apesar de estar localizada, quase sempre, fora dos muros escolares, tal forma de violência interfere significativamente no cotidiano escolar”. (CANDAUI, 1999, p. 35).

Estes fatores costumam prejudicar as relações sociais do aluno, influenciado diretamente no seu desempenho escolar, principalmente com o aumento do nível de desatenção às matérias e, conseqüentemente, queda no rendimento em relação aos processos avaliativos.

Esse pode ser um ponto que deve ser levado em consideração pelos professores em sua rotina diária. O educador precisa perceber as mudanças comportamentais da criança e, dependendo da gravidade, tentar identificar as causas que impulsionam a violência. Atos agressivos praticados por membro da família (pai, mãe, tio, primo...) podem ser um fator que desencadeador para que o aluno passe a internalizar e externalizar atos de agressividade no ambiente escolar.

Se pensarmos, principalmente, na criança como um ser vulnerável e ainda dependente do auxílio e da tutela adulta, os efeitos sobre ele podem ser mais fortemente marcantes, ocasionando em traumas para toda uma vida.

Toda pessoa necessita de cuidados ao longo da vida e a criança deve ser conduzida pelos pais e professores para se desenvolver como ser pleno, tendo seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, físico, psíquico e sociocultural assegurados. Logo, a família e a escola devem zelar pela qualidade do ambiente educativo e devem planejar e cuidar para que esses espaços viabilizem o desenvolvimento harmonioso e saudável dos indivíduos.

Segundo Bulgraen (2010, p. 34), “é neste sentido que consiste a intervenção e o papel do professor na prática educativa”. Sem dúvida, através de suas orientações, intervenções e mediações, o professor deve provocar e instigar os alunos a pensarem criticamente e a se colocarem como sujeitos de sua própria aprendizagem.

Contudo, é necessário refletir sobre a função da Educação no que tange à integralidade humana. Somos sujeitos constituídos por nossa história, cultura e sociedade. Interagimos e somos influenciados o tempo todo pelo meio no qual estamos inseridos e, da mesma forma, o influenciemos. Agimos sobre ele, transformando-o e transformando a nós mesmos, em um contínuo processo de construção que não se limita e não se esgota. O pedagogo deve compreender o aluno a partir de uma concepção holística para que possa realizar intervenções efetivas em situações de bullying na escola.

Desse modo, percebemos que se faz necessário que o educador conheça de modo geral seu alunado, para que assim possa intervir em uma situação de bullying que o mesmo esteja sofrendo, sendo a vítima ou até mesmo o agressor. Por isso, se faz necessário uma análise minuciosa e cuidadosa a respeito do comportamento de cada criança para que se chegue a uma conclusão concisa no sentido de que os próximos passos sejam voltados para o combate dessa prática. Ou seja, o professor deve promover situações que provoquem os alunos e ao mesmo tempo os levem a pensar sobre o seu comportamento em relação ao outro e a si mesmo, para que dessa forma, possam juntos encontrar soluções.

2.1 FATORES MOTIVACIONAIS ASSOCIADOS A PRÁTICA DO BULLYING

De acordo com Aramis (*apud* ABRÁPIA, 2012), coordenador do primeiro estudo realizado no Brasil sobre a temática *bullying*, os motivos que levam a prática dos atos violentos são bastante variados, indo desde de experiências traumáticas vivenciadas nas relações que cada criança ou adolescente tem em suas famílias ou comunidades nas quais vivem. Para o autor, as causas são multifatoriais e estão associadas, principalmente, a espaços nos quais as famílias são desestruturadas, com relações afetivas rompidas e vivenciam episódios frequentes de violência doméstica.

Nestes espaços, as crianças geralmente representam o papel de bode expiatório, sendo constantemente as fontes mais comuns de autores ou alvos de *bullying*". Deste modo, a violência presenciada ou sofrida dentro de casa pode ser estendida aos espaços escolares, manifestando-se em episódios pontuais ou rotineiros, sendo este último, no caso do *bullying*, o mais frequente.

Frente a estas condições na quais a violência é o centro das relações, acreditamos que a convivência saudável do lar e as boas relações construídas são condições demasiadamente importantes para o não desenvolvimento de práticas que remetem ao *bullying*. No entanto, reforçamos que a não convivência saudável dentro do ambiente familiar representa apenas um agravante que estimulam a prática do *bullying*.

Como pontuado em outros postos do estudo a prática violenta nos espaços escolares são multimatérias. Portanto, não há como eleger um único motivo que determine as causas e consequências para um indivíduo ser levado a praticar atos violentos no ambiente escolar. Mediante relatos, pesquisas e noticiários percebemos que o *bullying* acontece devido a seu elemento essencial "o sujeito ativo", ou seja, aquele que almeja a popularidade mais, a fim de sentir-se mais prestigiado e alcançar uma boa imagem de si, querendo ser líder entre os demais, impondo medo e obediência às suas regras no ambiente em que convive.

2.2 Sujeitos do *Bullying*

Os episódios de *bullying* podem ser praticados com crianças e jovens com faixa etárias distintas. No ambiente escolar pode atingir meninas e meninos principalmente a partir do 3º ano do ensino fundamental, seguindo para o ensino médio e, como menos frequência, chegando a apresentar casos na vida universitária.

As vítimas geralmente são pessoas tímidas, retraídas, com dificuldade de socialização, podem possuir um físico diferente bem como credo ou etnia diversa, possuem dificuldade de reação, são inseguras, não pedem ajuda, não é facilmente aceita nos grupos sociais, possui etnia ou credo diverso da maioria. (STEFANO, 2014, p. 1).

A prática do bullying acontece quando determinados grupos são formados e alguns alunos assumem determinadas posturas de liderança frente aos demais colegas. Até certo ponto essas características não representa um grau de anormalidade dentro do convívio social. De maneira geral os jovens precisam dessa alta afirmação, faz parte do seu desenvolvimento. No entanto, quando esses passam a assumir posturas violentas, ou práticas excludentes, como forma de manifestação da sua autonomia, o quadro de normalidade é invertido.

Na construção da identidade social das crianças e dos jovens existe uma relação muito tênue entre poder e controle. Quando essa relação não é dosada por uma formação segura, os mais velhos (e teoricamente mais fortes) tendem a demonstrar essa força sobre os mais jovens. Essa é uma forma negativa perante os seus pares, ou seja, de buscarem o pertencimento e a aceitação.

Nessa disputa, os mais “frágeis” são excluídos por não se adequarem às exigências grupais dos mais fortes e acabam por servirem como referência para a prática sistemática de bullying.

Diante das situações de *bullying*, podemos pensar que a não aceitação das diferenças reflete o esquema vigente em nossa sociedade, na qual o isolamento, individualidade e a elevação dos níveis de intolerância torna-se cada vez mais presente na vida dos jovens e das crianças. Em função de pré-conceitos construídos e propagados ao longo da história, as diferenças religiosas, raciais, físicas, de orientação sexual, sociais e culturais muitas vezes, não são respeitadas.

Os casos de *bullying* carregam muitas dessas marcas, uma vez que a exclusão de determinado aluno, bem como sua perseguição, é marcada pela não aceitação de suas características, modos de agir, pensar e ser.

No mundo contemporâneo em que vivemos, somos testemunhas de que, cada vez mais, o convívio familiar vem assumindo uma posição secundária, devido às inúmeras ocupações profissionais exercidas diariamente pelos pais. Os mesmos, praticamente não conversam mais com seus filhos e essa ausência contribui para a falta de limites, como também, muitos acabam sendo permissíveis demais e assim às crianças e os adolescentes vão crescendo sem limites, achando que podem tudo. Todo esse descontrole é visto no crescente

índice de violência escolar, onde os mesmos se mostram cada vez mais agressivos e violentos, a lei dos mais “fortes” contra os mais “fracos” vem contribuindo de forma negativa para a educação de modo geral.

Nesse contexto, destacamos que são as pessoas que podem ser consideradas como os principais personagens do *bullying*, são elas: o agressor (quem agride), a vítima (quem sofre a agressão) e os espectadores ou testemunhas (quem assistem as agressões) que em sua grande maioria também permanece calados, se omitem por medo que toda aquela situação se volte para si.

O agressor que é quem inicia todo o processo de maus tratos e violência pode ser do sexo feminino ou masculino. Demonstrando um comportamento agressivo, a partir do qual tenta usar a força e superioridade com o único objetivo de oprimir e atormentar a vida do alvo escolhido, ou seja, da vítima.

Esse comportamento agressivo desenvolvido pelo *bully* (agressor), em alguns casos chama a atenção que evidencia um problema sofrido por ele mesmo, ou seja, em alguns casos ele repete situações que vivencia, devido uma família desestruturada, que contribuem de forma negativa o seu comportamento perante o outro.

Mediante toda esta situação, o *bully* (agressor) pode ter uma vida adulta conturbada se tornando um adulto violento e antissocial e até ingressar no mundo das drogas, adquirindo também outras formas explícitas de violência.

Nesse contexto, Calhau (2009, p. 17) aponta que:

O agressor (de ambos os sexos) envolvido no fenômeno estará pro- penso a adotar comportamentos delinquentes, agressões sem motivo aparente usam drogas, porte ilegal de armas, furtos, indiferença a realidade que o cerca, crença de que deve levar vantagem em tudo, crença de que é impondo-se com violência que conseguirá obter o que quer na vida... Afinal foi assim nos anos escolares.

Neste contexto cabe destacar, que o agressor não percebe que as práticas do *bullying* também remetem danos à sua vida e não apenas à vítima, pois segundo a Constituição Federal, o Código Penal Brasileiro e o Estatuto da Criança e Adolescente, as práticas do *bullying* podem ser consideradas crime.

Nesse sentido, o Art. 146 do Código Penal afirma que “Constranger alguém mediante violência ou grave ameaça ou depois de lhe haver ridicularizado, por qualquer outro meio a capacidade de resistência é crime de constrangimento ilegal” (BRASIL, Lei 2848/40, Código Penal). Sendo assim, fica notório que os prejuízos não se limitam apenas às vítimas,

mas sim a todos que de alguma forma participaram desta violência.

Dessa forma, pode se afirmar que as práticas de bullying podem ser configuradas como crimes e por este motivo precisam ser combatidas de forma consciente sempre priorizando o lado da informação, pois sabemos que em sua grande maioria os agressores não têm conhecimento sobre os danos que também são ocasionados em sua vida.

O Estatuto da Criança e Adolescente, Lei 8.069/90, nos artigos 5º e 17º, também apontam que nenhuma criança ou adolescente poderá ser objeto de negligência, discriminação, violência, opressão, além de ter o respeito à integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação de sua imagem, identidade, autonomia, valores e crenças, dos seus espaços e objetos pessoais.

Relacionado ao direito, ao respeito e a integridade, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) afirma em seu Art. 17 que:

O benefício ao respeito incide na inviolabilidade da integridade física, psíquica e até mesmo moral da criança e do adolescente, envolvendo a preservação da imagem, do reconhecimento, da autonomia, dos valores, conceitos e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

No que diz respeito à interferência e combate ao bullying, uma ferramenta relevante é o Conselho Tutelar, pois exerce um papel fundamental na busca pela proteção de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e familiar. Dentre suas competências destacam-se: requisitar às autoridades adequadas os serviços públicos necessários; prestar atendimento e recomendar aos adolescentes e seus responsáveis; conduzir ao Ministério Público notícia que estabeleça lesão ao direito do adolescente (VENTURA, 2002, p. 112).

Ainda no debate sobre o agressor é relevante dizer que o mesmo busca em seu alvo, aquele que apresenta certa fragilidade, aquele ser mais passivo, que em sua grande maioria fica calado diante das agressões por medo do agressor, como também o agressor busca evidenciar em suas vítimas alguma característica física que o diferencie dos demais.

Em relação às vítimas podemos mencionar algumas características que as mesmas apresentam, geralmente são seres mais calados, sensíveis, em alguns casos são pessoas inseguras, não possuem confiança em si mesmo, podem sofrer de baixa autoestima, são socialmente isoladas e possuem poucos amigos. Ou seja, percebemos que as vítimas vivem em recursão, se isolam por medo e as consequências dessa prática são refletidas em sua vida de modo geral, pois cada vez mais a vítima vai se restringindo de viver.

As decorrências concernentes ao bullying são inúmeras, dependendo de como as vítimas adquirem as agressões, de como reagem a seus agressores. Sobre essa questão Fante (2005) destaca que, as consequências para as vítimas desse caso são graves e até compreensivas. Dentre as quais, destacamos: o desinteresse pela instituição escolar, o déficit de concentração e aprendizagem, a propensão do rendimento, o absentismo e até mesmo a evasão escolar.

Tais atos também podem ocasionar problemas mais graves como distúrbios psicológicos, depressão, déficit de aprendizagem, pois sua concentração já se encontra afetada e até mesmo alguns chegam a cometer o suicídio por não suportar as perseguições de seus agressores que buscam sempre algo que venha diminuir ou ridicularizar o outro, no caso, a vítima.

De acordo com Silva (2010, p. 38) “qualquer coisa que fuja do padrão imposto pela sociedade pode deflagrar o processo de escolha a vítima do bullying. Os motivos (sempre injustificáveis) são mais banais possíveis”.

Nesse cenário, existe o terceiro elemento que são os expectadores, ou seja, as testemunhas que presenciam as situações do bullying, as agressões que as vítimas sofrem. Porém, na maioria dos casos os mesmos se calam temendo ser os próximos alvos desta violência. Nesse sentido, Calhau (2009, p. 10.) descreve que:

Os espectadores passivos ou “testemunhas silenciosas” são aqueles que se calam com medo de serem a próxima vítima, mesmo não concordando com a situação são obrigadas a ficarem caladas por meio de ameaças. Os espectadores ativos [...] apoiam os agressores com risadas, sendo em alguns casos o provocador das agressões, ficando de fora rindo da situação do outro. Os espectadores neutros não se incomodam com a prática o *bullying* e nunca “sabem de nada”, se omitem sempre deixando os agressores impunes e deixam de revelar a verdade.

Neste sentido a educação e a orientação sobre estes tipos de atitudes exibicionistas não é somente um dever da escola. Os pais também têm o direito de participar e conhecer o ambiente e o educador com quem seus filhos passarão a maior parte do tempo, os funcionários da escola, sua estrutura, o envolvimento da direção no processo educacional, enfim, estar ciente dos aspectos específicos e transformadores da escola. Porém, é de extrema importância que todos tenham conhecimentos que, independentemente da posição que a criança ou adolescente esteja ocupando, sendo vítima, agressor ou testemunha podem sofrer danos, ou seja, no bullying não é possível encontrar um lado que seja agradável ou positivo, mas apenas

situações emergidas de consequências que podem ser destrutivas a todos.

3 CIBERBULLYING: VIOLÊNCIA VIRTUAL

É um fato que a utilização dos meios tecnológicos, como computadores e celulares, favorecem amplamente a comunicação entre as pessoas, contribuindo com o seu desenvolvimento e elevando suas possibilidades de socialização.

Estas ferramentas também são leques que facilitam a interação com o mundo e ampliam a possibilidade de formação dos sujeitos. No entanto, muitos indivíduos fazem uso desses meios de comunicação de forma inadequada, atingindo de maneira negativa e violenta a condição moral de indivíduos ou grupos de pessoas.

Com o advento da internet, ficou muito fácil reencontrar antigos amigos, relacionar-se em chats, criar novas amizades, divertir-se em jogos online, realizar trabalhos acadêmicos, dentre outras diversas possibilidades.

No entanto, o senso de anonimato acabou tornando a internet um ambiente propício a prática de atos abusivos, intimidatórios e violentos contra as crianças, jovens e adultos. Neste espaço, as práticas de humilhação, atos preconceituosos e propagação falsas de informações tem se tornado um fato comum. Denominadas de *Cyberbullying*, estas práticas agressivas podem ser caracterizadas como uma extensão das ofensas verbais e físicas praticadas em espaços públicos. Tal modalidade vem atingindo um número cada vez mais expressivo de pessoas, sendo as crianças e os jovens as principais vítimas.

Trata-se de um fenômeno ascensão, que está relacionado com um dos meios de comunicação mais avançados de nossa era, ou seja, a internet. Os insultos disseminados pela mesma se tornam uma avalanche de notícias danosas, que acarretam uma série de ações destrutivas na vida dos sujeitos afetados. Neste sentido, O *cyberbullying* tem se tornado uma prática preocupante pelas proposições que vem tomado em todo o mundo.

De acordo com Fante (2008, p. 50):

Estudos revelam que na Inglaterra 25% das meninas são vítimas por meio de celulares. Nos EUA [...] 20% dos alunos são alvos desse tipo de violência. Um estudo divulgado em 2006, pela rede social MSN, indica que 13% dos adolescentes entrevistados consideram essa prática pior que o bullying físico. Em estudos realizados no Brasil, em específico no Distrito Federal, pelo Centro Multidisciplinar de Estudos e orientação sobre o bullying escolar, com um grupo de 530 alunos do primeiro ano do ensino médio da rede privada de ensino, indicaram que 20% foram vítimas de ataques on-line. Desses 63% eram do sexo feminino.

A pesquisa demonstra que o *cyberbullying* tem se expandido por todo o mundo de forma vertiginosa e, para a maioria dos entrevistados, os danos causados pela sua prática podem ser considerados mais grave do que a violência física propriamente dita. Provavelmente este fato se justifique pela dimensão social tomada pelos atos de bullying praticados na internet.

De acordo com Calgaro (2013, p.1), em pesquisa realizada pela *Ditch The Label*, organização não governamental *anti-bullying* existente no Reino Unido:

Cerca de quatro entre dez pessoas sofre *bullying* pela internet com grande frequência. As redes sociais mais usadas pelos perseguidos são o Facebook (mais da metade disse sofrer *cyberbullying* pelo site), *YouTube*, *Twitter* e *Ask*. Além disso, os jovens têm duas vezes mais chances de sofrer perseguição pelo *Facebook* do que por trás das redes sociais. As vítimas foram perguntadas ainda sobre qual impacto o *cyberbullying* tinha em suas vidas. Em uma escala de um a dez, em que o valor máximo indica 'impacto extremamente severo', a nota média dada por elas foi 7,5.

Os dados das pesquisas demonstram que o *cyberbullying* tornou-se um problema social, e que seu uso, como forma de violência, pode atingir qualquer pessoa, sem diferenciação de nível econômico, cor, raça ou etnia, seja como agressor, vítima ou testemunha. Todo sujeito, em algum momento de sua vida, pode ser submetido a situações típicas dessa violência. Sua prática entre jovens em grande parte é oriunda das escolas, e massificada pelos meios tecnológicos.

Em relação a prática do *cyberbullying*, Almeida (2008, p. 20), cita que este ocorre quando:

Utilizam-se das modernas ferramentas da internet e de outras tecnologias de informação e comunicação, móveis ou fixas, elucidando, em sites de relacionamento ou programas de conversa em tempo real, com o intuito de maltratar, humilhar, constranger ou difamar. Temos claramente exemplos no MSN (Messenger), Orkut (site de relacionamentos). É uma forma de ataque perversa que extrapola em muito os muros da escola, ganhando dimensões incalculáveis.

A acessibilidade ao mundo tecnológico é vasta, o que faz que a grande massa tenha contato diariamente com este meio. Sendo assim, compreendo que uma das melhores soluções para tal, se dá através das políticas educacionais. As pessoas precisam se educar para usar estes meios de forma que venha contribuir para sua vida de modo satisfatório e eficiente. Os mesmos não podem se enquadrar como sendo a mais nova arma de violência.

As vítimas de cyberbullying podem estar mais predispostas à tentativa de suicídio, bem como mais vulneráveis ao desenvolvimento de problemas sociais e emocionais, tornando em alguns casos seres não sociáveis, retraídos e perturbados. Os estudos mostram que os envolvidos neste fenômeno apresentam sintomas de ansiedade e depressão, quando comparados àqueles que não vivenciaram essa forma de agressão entre pares.

Quando as vítimas se deparam com toda essa gama de maldades maquiavelicamente planejadas e executadas, seus nomes e imagens já se encontram divulgados em rede mundial. Não há qualquer possibilidade de sair ileso dessas situações. Ou seja, mesmo depois dos insultos serem retirados. As consequências psicológicas para essas vítimas são incalculáveis e, muitas vezes, chegam a atingir seus familiares ou amigos mais próximos (SILVA, 2010, p. 128).

É notório que esta dimensão do *cyberbullying* é tão nociva quanto a outra modalidade, o que desperta mais ainda o cuidado e atenção em direção a este problema, pois o mesmo existe, não são suposições, mas sim uma realidade que encontram-se bem presente em nosso cotidiano, através de um mecanismo tão fluente, envolvendo a família, a escola e principalmente ofensas virtuais de qualquer gênero.

O cyberbullying, como já dissemos vem tomando uma proporção assustadora. Geralmente, ocorre através de telefone, internet e outros meios de comunicação tecnológicos. Nessa forma de bullying, a vítima sofre um prejuízo ainda maior, pois em muitos casos o agressor não é identificado, fato que prejudica o desfecho do caso, promovendo a agravação do problema. No cyberbullying os agressores se es- condem [...] torna-se mais difícil de ser combatido, pois o espaço virtual é ilimitado (ARAÚJO, SILVA, 2011.p.4).

Ou seja, o cyberbullying, pode apresentar uma gama maior de prejuízo a vítima, por ser mais difícil de chegar ao agressor e conseqüentemente o mesmo permanecer espalhando situações de constrangimento que ferem a moral do outro.

Neste sentido, o cyberbullying pode ser descrito como algo desmoralizante, que junta com o desequilíbrio de poder, fazendo com que as vítimas se tornem seres totalmente reféns do medo, pois diferente do bullying físico, o bullying virtual não é praticado em um único espaço, onde de certa forma, mesmo que sendo uma situação triste e que jamais deveria acontecer a vítima sabe onde e quando as agressões irão acontecer, e isso de certa forma pode subsidiar uma defesa, em contra partida o mesmo estar exposto a qual- quer momento a ser ridicularizado ou difamado, visto que os mecanismos para a execução desta prática são instantâneos e expansivos.

Santomauro (2010, p.2) destaca três razões que tornam o cyberbullying uma prática mais perversa que o bullying:

No espaço virtual, os xingamentos e as provocações estão permanentemente atormentando as vítimas. Antes, o constrangimento ficava restrito aos momentos de convívio dentro da escola. Agora é o tempo todo;

Os jovens utilizam cada vez mais ferramentas de internet e de troca de mensagens via celular e muitas vezes se expõem mais do que devem;

A tecnologia permite que, em alguns casos, seja muito difícil identificar o (s) agressor(es), o que aumenta a sensação de impotência.

Aqui merece destaque as dificuldades na identificação dos agressores virtuais, que quase sempre usam codinomes, chamados de *nicknames*, ou perfis falsos (os chamados perfis fakes).

Silva (2010), ao tratar desta problemática, aborda a temática virtual comparando o anonimato das redes com as brincadeiras do amigo oculto, na qual as pessoas se expressam sem necessidade de identificação. No caso do cyberbullying, a natureza vil de seus idealizadores e/ou executores ganha uma “blindagem” poderosa pela garantia de anonimato que eles adquirem. Sem qualquer tipo de constrangimento, os bullies cibernéticos (ou virtuais) se valem de apelidos (*nicknames*), nomes de outras pessoas conhecidas ou de personagens famosos de filmes, novelas, seriados. Os bullies virtuais são, a meu ver, verdadeiros covardes mascarados de valentões, que se escondem nas redes de “esgoto” do universo fantástico dos grandes avanços tecnológicos da humanidade.

Como se pode notar, são indivíduos que não conhecem ou não fazem uso da ética, do respeito à dignidade humana da pessoa que é alvo da ofensa. Ao contrário, agem de forma perversa sem pensar no quão devastadoras são, as suas ações em relação ao outro, o mesmo não mede as consequências de sua maldade e o que a mesma pode motivar sua vítima acometer. Muitos agem dessa forma acreditando que estão protegidos e que não serão descobertos.

Sendo assim, o combate a esse tipo de violência deve ser discutido e colocado em prática com efetividade. Entendemos também que a informação e o debate são outros fatores de extrema importância para o combate ao cyberbullying, pois é por meio destas ferramentas que as crianças e os adolescentes terão um conhecimento mais amplo em relação as consequências da violência digital.

A vaga noção da impunidade de não serem descobertos acaba por ampliar o nível de ocorrências de crimes pela internet, no entanto esta é uma ação impensada. Mesmo diante das dificuldades os órgãos de segurança possuem mecanismos, inclusive (como é o caso do Marco Civil da Internet) para identificar, punir e criminalizar os agressores.

Ao cyberbullying costuma deixar “pegadas” durante os atos criminosos e são justamente nestas falhas que as ações são identificadas. No entanto, as vítimas também precisam estarem atentas, tomando as providencias cabíveis frente a qualquer atitude suspeita ou anormal vivenciada no mundo virtual.

De acordo com Truzzi (2012, p.8), algumas atitudes que devem ser tomadas quando se constata essa prática, são:

Armazenar sempre as provas eletrônicas (e-mails, SMS, fotos, recados deixados em redes sociais, publicações feitas em sites), mantendo sua integridade. Vale arquivar as capturas de tela dessas provas (“printscreen”), manter os e-mails originais e se necessário, dirigir-se até um 33 Cartório de Notas a fim de lavrar uma Ata Notarial do conteúdo difamatório;

Registrar um Boletim de Ocorrência na Delegacia de Polícia mais próxima;

Buscar acompanhamento psicológico, se necessário;

Procurar um advogado, para verificar a necessidade de medidas extrajudiciais ou judiciais (notificação extrajudicial, representação criminal, instauração de inquérito policial, ação de indenização por danos morais e materiais, etc.);

Nunca revidar às agressões. Lembre-se: “não faça justiça com o próprio mouse!

Além desses aspectos, a vítima do bullying ou cyberbullying deve ser consciente de que em nenhum momento deve aceitar passivamente tais formas de violência, enxergando-se ou sentindo-se como responsável pelos episódios violentos que lhe ocorrem. Neste ponto, a compreensão dos familiares da vítima ou dos profissionais responsáveis pelo seu acompanhamento emocional são fundamentais, pois é necessário que a vítima sinta-se segura para enfrentar os danos causados pelos atos de bullying.

Portanto é de extrema importância que a mesma seja orientada como prosseguir diante dessas situações, agindo com inteligência e sempre denunciando, jamais fazer uso da lei do silêncio, nem revidar, pois dessa forma só estará contribuindo ainda mais com a violência e fazendo com pessoas veja o ato de revidar como solução.

Este fenômeno é assegurado de forma global pelo Art. 5º, inciso IX da Constituição de 1988, onde a liberdade de expressão contrabalança com seu inciso IV, o qual veta o anonimato que poderia motivar impunidade ao praticante de certos atos.

Vale ressaltar que os autores menores de idade do cyberbullying, estarão praticando atos infracionais e não crimes, por estarem sob a proteção do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8069/90). Assim sendo, aqueles que terão que arcar com os prejuízos causados serão os pais ou responsáveis legais.

Diante do exposto reforçamos que as práticas criminosas ocorridas pela internet representam um agravo a vida dos jovens e das crianças. Portanto, o cyberbullying é algo traiçoeiro que pode atingir a todos e que em nenhum momento tais ações podem ser ignoradas, ou consideradas como inofensivas, pois os transtornos ocasionados pelo o mesmo são imensuráveis. Neste sentido. Os adolescentes e crianças precisam ter um acompanhamento contínuo por aqueles que fazem parte efetiva das suas vidas, de modo que estes possam perceber mudanças comportamentais, conhecer as causas e interferir na busca de solução.

4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Esta pesquisa está direcionada a averiguação de dados que relatem a prática e o crescimento do assunto em estudo, a fim de identificarmos os efeitos ocasionados na vida dos indivíduos que sofrem com o fenômeno do bullying. Neste contexto, buscamos apresentar neste capítulo os procedimentos adotados ao longo da realização da pesquisa expondo, de forma esquematizada, uma breve caracterização do local da pesquisa, os sujeitos envolvidos e os instrumentos para a realização da mesma.

A fim de ampliarmos a compreensão do tema, a pesquisa que embasa este estudo foi realizada em uma turma do 5º ano do ensino fundamental, pertencente à Escola Municipal Luiz Joaquim, localizada, no centro da cidade de Cuité de Mamanguape-PB.

A instituição, lócus da pesquisa, apresenta uma infraestrutura consideravelmente suficiente, sendo composta por oito salas de aula, três banheiros, uma diretoria, uma secretaria, uma sala de coordenação pedagógica, uma sala de professores, um laboratório de informática, uma biblioteca, uma sala de vídeo e um pátio para recreações.

A organização do corpo funcional da instituição é composto por duas merendeiras, dois vigias, um diretor interino, um vice-diretor, uma coordenadora, uma secretária e um apoio pedagógico. O corpo docente é formado por 05 professores do Ensino Fundamental de 1º ao

5º ano que atuam no turno da manhã.

Esta pesquisa tem como característica um estudo de campo, com uma abordagem de caráter qualitativo. Deste modo, buscou investigar os aspectos vinculados ao fenômeno do bullying e, conseqüentemente, à percepção dos professores sobre a importância de uma prática do desenvolvimento de uma prática pedagógica voltada para a conscientização de combate ao bullying e cyberbullying.

Segundo Gonsalves (2001, p.67)

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...].

No que diz respeito à pesquisa qualitativa, destacou-se que a mesma visa concretizar o registro preciso e detalhado do que acontece no lugar, permitindo ao pesquisador, realizar uma pesquisa do objeto de estudo a partir dos dados obtidos entre os docentes e discentes, uma vez que os mesmos são peças-chave para diagnosticar a problemática. O presente trabalho de pesquisa se assegura dentro do paradigma qualitativo, sendo realizado através do método descritivo, em que se utilizou como instrumento de pesquisa um questionário semiestruturado (Anexo), contendo questões subjetivas a fim de contemplar as categorias de análise que embasam a pesquisa de forma clara, possibilitando assim, a concretização do estudo.

O questionário foi elaborado com o objetivo de analisar a percepção dos sujeitos envolvidos no que diz respeito à prática do bullying, principalmente, no espaço escolar, como também, incentivar o combate do mesmo por meio de uma vivência mais sadia neste espaço, que deve ser um ambiente transformado e que viabilize o crescimento nas diversas áreas de cada indivíduo.

É pertinente ressaltar que os sujeitos envolvidos na pesquisa foram três professores do Ensino Fundamental I. O objetivo do envolvimento dos mesmos foi o de analisar como esses educadores lidam e trabalham as questões que envolvem o bullying, isto é, como é a prática de cada educador no que diz respeito às diversas dimensões do bullying, como recurso pedagógico sendo relevante na sensibilização dos alunos na sala de aula.

Todos os participantes da pesquisa residem em Cuité de Mamanguape-PB. Em relação ao perfil profissional: todos possuem graduação em pedagogia. Sobre o tempo que

trabalham na Educação Fundamental, varia entre 10 e 20 anos.

Para a realização da pesquisa, foi escolhido a Escola Municipal Luiz Joaquim que atendem a Educação Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Cuité de Mamanguape-PB. Os métodos que anteciparam à pesquisa se deram, teoricamente, por meio dos termos de consentimento, que serviram de condição para que as escolas autorizassem que a pesquisa fosse desenvolvida nas suas dependências.

Os mencionados termos foram direcionados as gestoras com: Termo de Anuência da Instituição/Autorização para a Pesquisa e, as educadoras como: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e serviram de base para o desenvolvimento da análise desejada.

Foi agendado com as professoras das turmas como seriam os procedimentos para responderem aos questionários individualmente. Durante a realização desta pesquisa, procedeu-se também a observação dos locais e às aulas ministradas, pelos respectivos educadores.

Sendo assim é correto afirmar, que o estudo desenvolveu-se por meio da pesquisa bibliográfica ou fontes secundárias, constituindo uma documentação indireta. Em relação ao método utilizado, valeu-se do indutivo onde parte-se do que já existe de científico publicado. Este método esclarece conhecimentos existentes cuja finalidade é desenvolver o saber. Dessa forma, o método de procedimento abordado, no desenvolvimento da prática e consequências do bullying foi o método monográfico cujo estudo em tela, priorizou-se a pesquisa com indivíduos.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA

5.1 Análise e discussão dos dados da pesquisa realizada com os alunos

A coleta de dados teve como objetivo investigar se os discentes e professores da Escola Municipal Luiz Joaquim, situada no Município de Cuité de Mamanguape vivenciam ou já vivenciaram situações de *bullying* no contexto escolar. O instrumento de investigação se deu por meio de dois questionários, um contendo 5 (cinco) questões direcionadas aos alunos de uma turma de 5º ano e outro com 8 (oito) questões direcionadas aos educadores. Este método segundo Leffa (2009) permite que o investigador guie seus investigados, levando-os a refletir sobre o tema proposto.

Quando questionados sobre o que é *bullying*, a maioria dos educandos relataram

que o *bullying* refere-se ao ato de xingar, bater, humilhar, colocar apelido no colega. Ou seja, percebemos que estes discentes, mesmo que de forma singular, tem conhecimento do que venha a ser essa prática. Porém, vale destacar a fala de um dos educandos, quando o mesmo coloca uma questão que não foi abordada pelos demais. Para este aluno, “o *bullying* é caracterizado por agressões repetitivas que acontecem de forma constante, com o intuito de magoar o outro”.

Em consonância com a afirmação de Fante (2005, p. 28-29):

Bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento *bullying*.

Buscou-se saber se os discentes já sofreram algum tipo de *bullying* até o presente momento de vida escolar. Dos 18 alunos questionados, 10 afirmaram que em algum momento de sua vida já sofreram *bullying*. Por meio desta afirmação percebemos que os ambientes escolares estão bastante fragilizados em relação às práticas e ações que busquem fazer da escola um ambiente agradável e mais seguro. A violência escolar nas últimas décadas adquiriu crescente dimensão em todas as sociedades, o que a torna “questão preocupante devido à grande incidência de sua manifestação em todos os níveis de escolaridade” (FANTE, 2005, p.20).

Ao serem questionados sobre quais sentimentos são despertados na vítima de bullying, todos destacaram o sentimento de solidão e inferioridade. Para Guerra (2001, p. 03), “Cria-se um sentimento de inadequação, de não pertencimento, que mina sua autoconfiança e o faz sentir-se inferior”.

Este posicionamento de Guerra vem embasar de forma concreta o que foi relatado pelos alunos, pois de fato esta questão quando abordada, fica perceptível que os sentimentos de inferioridade são aflorados, deixando as vítimas fragilizadas e na maioria dos casos os mesmos recorrem ao isolamento. Recorremos mais uma vez aos ensinamentos de Guerra (2011, p. 01) que afirma:

Quem sofre bullying sente-se excluído e geralmente reage com um sentimento de inferioridade, que pode influenciar sua vida em seus aspectos emocional, social e profissional, não só no momento em que sofre a agressão, mas por muitos anos no futuro.

Ao perguntarmos se pessoas vítimas do bullying, tem a aprendizagem prejudicada, todos os entrevistados responderam de forma unânime, que sim. Tal afirmativa vai de encontro com o que fala Silva (2010, p. 22) ao afirmar que “essa versatilidade de atitudes maldosas contribui não somente para a exclusão social da vítima, como também para muitos casos de evasão escolar, e pode se expressar das mais variadas formas”. A atuação do bullying não intervém tão somente na vida emocional da vítima, mas também na sua história como aluno, na sua aprendizagem, sua atenção fica menos acentuada, pois o mesmo encontra-se em conflitos diariamente e isso também pode interferir no seu futuro.

Por meio do questionamento: Ao mesmo tempo em que você foi vítima do bullying, você também fez uso dessa prática? Dos 18 alunos, 6 responderam que sim, a partir desse posicionamento detectamos que em alguns casos a vítima torna-se agressor, ou seja, revida a agressão com a mesma “moeda”. Esta vítima segundo Fante (2005, p. 72) é aquela “[...] que, tendo passado por situações de sofrimento na escola, tende a buscar indivíduos mais frágeis que ele para transformá-los em bodes expiatórios, na tentativa de transferir os maus tratos sofridos”.

5.2 Análise e discussão dos dados da pesquisa realizada com os professores

A participação dos envolvidos na pesquisa aconteceu de forma voluntária e o com o consentimento dos mesmos. Deste modo, estabeleceu-se com os docentes participante um acordo de responsabilidade em relação à confidencialidade das informações obtidas ao longo do processo de coletas, tratamento e síntese dos dados. O questionário dos educadores, assim como dos discentes, são estruturados inicialmente com a mesma questão, na qual são questionados a respeito do conceito de bullying. A proximidade entre os questionamentos feitos aos alunos e aos professores objetivou tecermos uma relação mais coerente entre os dois pontos de vista. Deste modo, quando questionados sobre como conceituariam a o fenômeno bullying os (as) professoras (as) entrevistados responderam:

“É a perseguição feita a algum aluno de forma constante sem motivos aparentes” (Professora A).

“É um tipo de agressão que pode ser física ou verbal que humilha, magoa e constrange o indivíduo” (Professora B).

“É uma forma de discriminação, ocasionando mal estar emocional na vítima, bem como, violência física” (Professora C).

Por meio do posicionamento dos professores é possível tecermos algumas considerações importantes acerca das suas falas. A primeira estar ligada ao grau de informatividade apresentado pelos mesmos, o que demonstra que estes, em maior ou nível, estão situados com a problemática em questão. O segundo ponto estar vinculado a noção sobre as diversas modalidades de bullying existentes. Estas condições são consideradas positivas, no sentido de que estes professores possuem uma maior competência para atuar sobre a realidade apresentada pelo bullying.

A teses apresentadas pelos professores são reforçadas por Fante (2005) e Alkmin (2011), ao alegarem que prática de violência está dividida em direta e indireta apresentando em ambas, a faceta da aversão e da humilhação. É correto afirmar, portanto, que o bullying acontece de forma direta, através das agressões físicas (bater, chutar, empurrar) e verbais (xingamentos, apelidos pejorativos, constrangimentos e insultos em público). O bullying de forma indireta, por sua vez, ocorre por meio dos rumores constrangedores que são espalhados sobre a vítima, ocasionando a exclusão da mesma de um determinado grupo.

Ao serem questionados sobre as principais causas do bullying, os docentes responderam:

“Um conjunto de fatores, como a falta de limite, por fazer parte de uma família com problemas e por possuir uma índole má...” (Professora A).

“A criança ou adolescente tem uma certa carência afetiva e muitas vezes vivencia atos e sentimentos contrários de afetividade” (Professora B).

O que as professoras relatam remete diretamente a discussão sobre o papel da família na vida das crianças vitimadas pela prática do bullying. Ao longo de todo o desenvolvimento da criança e dos adolescentes, as questões emocionais e afetivas exercem um papel preponderante em suas vidas. Neste cenário, os laços construídos podem determinar profundamente a maneira como o indivíduo lida com si, com o mundo e com os seus pares. Gisi, Vaz e Valter (2012) definem a prática do *bullying* como uma necessidade que, muitas vezes, o agressor tem de exteriorizar, reproduzir os maus-tratos sofridos em casa ou na escola como uma forma de exercer a autoridade e de se fazer notado. Esta alegação é corroborada com o depoimento de uma das professoras entrevistadas que afirma:

“Muitas vezes o agressor quer mostrar-se superior ao outro, tentando intimidar aqueles que se acham mais fracos, dessa forma acreditam que serão mais populares perante os demais” (Professora C).

O posicionamento apresentado pela professora vai de encontro com o que diz Abramovay (2006, p. 84), ao afirmar que nos atos de bullying ou cyberbullying “prevalecem às relações de poder, a lei do mais forte, em que o aluno que demonstra ter mais força, ser o mais popular, intimida aqueles considerados mais fracos”.

Na sequência da aplicação do questionário, os professores foram questionados se a prática do bullying interfere na aprendizagem dos discentes e, os mesmos responderam da seguinte forma:

“Sim, pois o aluno fica desatento nas aulas e isso prejudica o seu desempenho escolar” (Professora A).

“Bastante, a violência deixa a vítima recuada, assustada e com isso sua aprendizagem fica comprometida” (Professora B).

“Essa prática causa bastante sofrimento e desmotivação no aluno e pessoas que se encontram com tais sentimentos não conseguem ter um bom desempenho escolar, sempre está com medo do que possa lhe acontecer” (Professora C).

Diante da fala das docentes é possível inferir que a criança ou adolescente que sofre com o bullying pode apresentar um alto grau de sofrimento. Fica evidente também que tal prática compromete a vida da vítima de forma geral, pois a criança que vive assustada e triste não consegue viver bem e ter o seu processo de desenvolvimento alcançado de forma exitosa. Esse tipo de violência faz com que o indivíduo viva em constante estado de tensão e amedrontamento, como também um estresse prolongado que pode vir a se configurar como “Transtorno do pânico”, visto por Silva (2010), como um estado de medo intenso. Sendo assim, é pertinente evidenciar que essa autora alerta que um ataque de pânico dura, em média, entre vinte a quarenta minutos. Esse curto espaço de tempo é um dos momentos mais angustiantes que um indivíduo pode vivenciar.

Muitos relatam a sensação de estar sofrendo um ataque cardíaco, de que vai enlouquecer, de estranheza de si mesmo e de que vai morrer a qualquer momento. Quem passa por crise de pânico acaba por desenvolver o “medo de ter medo”, ou seja, nunca sabe quando uma crise ocorrerá (2010, p. 26).

Nessa direção, os professores foram questionados se a fobia escolar também pode ser desenvolvida por causa do bullying. Todos responderam afirmativamente a essa questão. De modo que, para eles a criança vítima de bullying perde o interesse pela escola, chora para não ir à mesma e apresenta déficit de aprendizagem.

De acordo com Silva (2010, p. 26), a fobia escolar é vista como um “... medo

intenso de frequentar a escola, ocasionando repetências por faltas, problemas de aprendizagem e/ou evasão escolar.” A mesma autora descreve ainda que quem desenvolve esse tipo de fobia, passa a apresentar diversos sintomas psicossomáticos e todas as reações do transtorno do pânico dentro da escola não conseguindo permanecer dentro desse espaço onde as lembranças são traumatizantes, causando dessa forma, dificuldades de aprendizagem.

Quando questionados acerca de como a escola pode atuar no sentido de evitar ou combater o bullying nas escolas, os professores responderam da seguinte forma:

Nesse ponto acredito que a escola deve cultivar ações que gerem entrosamento, cultivando uma boa convivência (Professora A).

A escola pode criar atividades que fortaleça o vínculo de convivência por meio do respeito ao próximo e trabalhar também a afetividade (Professora B).

As falas das entrevistadas revelam que o cuidado com as relações interpessoais é de extrema importância, pois é nesse cuidar que se podem evitar situações de bullying, pois quando há uma atenção voltada para construção de relações saudáveis e respeitadas entre todos é possível impedir que o bullying se instale em qualquer ambiente.

Nesse sentido, Beaudone e Taylor (2016, p.120), deixam evidente a posição adotada em relação à construção de vínculo entre professor e aluno e entre os próprios discentes. Para tanto, mostram que:

[...] o vínculo impede o surgimento de sérios problemas entre os alunos, como as brigas, a competições, desrespeito e o bullying, além de evitar tédio. Os alunos precisam manter um vínculo significativo com seus colegas e professores, que revelem seus preferidos, os estudiosos demonstram que o vínculo nos ajuda a ser mais tolerante e respeitar as diferenças.

Silva (2010) trata dessa responsabilidade, quando enfoca que a criação de um projeto educacional que vise o combate às práticas de violência, deve seguir paradigmas simples e comuns que sejam capazes de revelar o valor da paz e da tolerância, bem como, do respeito ao outro e, sobretudo a vida em suas diversas manifestações. Questionados sobre os motivos que levam algumas vítimas a não denunciar as agressões sofridas, os participantes da pesquisa discorreram que:

Não falam por medo (Professora A).

Algumas crianças ficam caladas por vergonha de relatar o que está

acontecendo (Professora B).

O bullying deixa a criança assustada e em alguns casos ela não tem uma pessoa que confie para falar o que está acontecendo (Professora C).

Percebemos que a vítima de bullying se torna uma pessoa insegura, recuada e assustada, tais questões podem prejudicar de forma desastrosa todo o seu desenvolvimento ao longo de sua vida.

Em relação a essa questão, Fante (2005) afirma que é muito comum que as vítimas sofram em silêncio. Esse silêncio, na maioria das vezes, se dá motivado por dois sentimentos: o da vergonha de se exporem e o medo de que o seu agressor se torne ainda mais violento e “desumano”, tornando-se assim, Reféns de emoções traumáticas destrutivas, como medo, insegurança, raiva, pensamentos de vinganças e suicídio, além de fobias sociais e outras reações que impedem seu bom desenvolvimento escolar.

Em outro momento da pesquisa, ao serem questionados sobre qual o papel da família para detectar se a criança ou adolescente está sendo vítima de bullying, os mesmos relataram que:

A família deve observar se aconteceu alguma alteração no comportamento dos filhos (Professora A).

Fazer com que a casa seja um ambiente favorável a comunicação, para que a criança possa falar se estar sofrendo algum tipo de violência (Professora B).

Procurar saber o comportamento do filho na escola e seu rendimento escolar, nunca culpá-los e sempre orientá-los a não revidar as agressões, mas sim falar para um adulto o que está acontecendo” (Professora C).

A opinião comum entre os diversos especialistas no assunto, entre os quais, destaca-se Fante (2005) é de que os pais devem assumir a tarefa de elevar a auto-estima dos seus filhos, ressaltando sempre aquilo que eles têm de melhor; destacar suas competências e mostrar que são capazes de realizar diferentes tarefas e projetos. É importante ainda não culpá-los pelas agressões sofridas, deixando claro que eles são as verdadeiras vítimas; assim como não devem incentivá-los a revidar aos ataques (nem verbal nem fisicamente), pois uma atitude dessa, tende a aumentar a violência.

Ao serem questionados se a prática do *bullying* atinge apenas a vítima e o agressor, os professores, fizeram as seguintes afirmações:

O bullying afeta todos os envolvidos de forma direta ou indireta (Professora A).

O bullying também causa danos aos espectadores (Professora B).

Os demais que visualizam as práticas do bullying também podem ser afetados (Professora C).

Para Fante (2005, p. 78) “As consequências do bullying afetam todos os envolvidos e em todos os níveis”. E confirmado com as palavras de Melo (2010, p. 42), quando este diz que “O comportamento bullying não poupa nenhum dos envolvidos”.

Após os dados coletados é possível identificar que o ambiente onde a pesquisa foi desenvolvida não encontra-se isento da violência, assim também como os demais que temos conhecimento por relatos de profissionais de outras instituições e pelo o que é exposto na mídia.

Sendo assim, fica evidente que o problema de fato existe e que precisa ser visto com a atenção devida, para que não se expanda e venha tornar este ambiente tenebroso por todos aqueles que o frequenta, em especial às vítimas. Logo, se faz necessário um olhar mais cuidadoso para questões que em alguns momentos soam apenas como uma brincadeira ou algo pequeno que não interferirá na vida dos discentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os elevados índices de violência presentes nos ambientes escolares e apresentados neste estudo, reforçam veementemente a tese de que bullying, enquanto agente negativo ao desenvolvimento educacional dos jovens e das crianças, precisa ser pensado de forma mais criteriosa. Trata-se de uma urgente problemática que atinge direta, profunda e negativamente o desenvolvimento psicossocial, contribuído com um crescente quadro de adoecimento psíquico deste grupo populacional.

A sistemática prática de violência sofridas por crianças e jovens (seja no ambiente escolar, social ou virtual) desencadeia dificuldades severas em seu desenvolvimento. Temendo não serem aceitos, criticados, rejeitados ou ridicularizados os indivíduos vitimados pelo bullying acabam por se insolarem, agravando sua condição humana.

Neste contexto, este trabalho de pesquisa demonstra que o combate a esta prática perversa e recorrente, perpassa pelo desenvolvimento de múltiplas condições que favoreçam a construção de relações saudáveis de socialização entre os jovens.

Assim, compreendemos que são princípios fundamentais para combater o bullying e ao cyberbullying nos ambientes escolares: a ampliação dos níveis de conscientização desenvolvido dentro dos projetos pedagógicos das escolas; desenvolvimento de projetos escolares que envolvam as crianças, os jovens e suas famílias, de modo estes sejam capazes de fortalecer seus vínculos sócio – afetivos; ampliação das políticas públicas de combate ao cyberbullying, assim como a oferta de programas e campanhas que estimulem o uso consciente das novas ferramentas tecnológicas pelas crianças, evitando que estas caiam nas “armadilhas” virtuais.

É um fato que estas abordagens diretivas não se exaurem neste trabalho, contudo, acreditamos que a sua implementação pode representar um paço importante no desenvolvimento de estratégias de auxílio aos atos agressivos sofridos cotidianamente nos ambientes escolares.

Conforme pontuado exaustivamente ao longo do estudo, a violência encontra-se presente dentro da escola de forma sistemática, podendo ser confundida com “brincadeiras”, ou atos naturalizados. Por esta razão, a sua incidência se instala de forma sutil, não sendo muitas vezes assimilada de forma clara.

Portanto, é necessário perceber como as crianças e os jovens estabelecem suas relações e de que forma as mudanças comportamentais atípicas podem indicar que estes sujeitos estão sendo vítimas (seja fora ou dentro das escolas) de violências.

A partir dos resultados da pesquisa, foi possível constatar que nos últimos anos esta temática vem ganhando visibilidade na mídia e por profissionais da educação, do direito e também das áreas da saúde.

Contudo, mesmo com a crescente visibilidade que o tema vem adquirindo, sabemos que ainda existem profissionais e órgãos que não tratam esta problemática com a atenção necessária, no sentido de diagnosticar e combater tanto a prática quanto os transtornos gerados pelo bullying. Isso implica afirmar que o tema em questão precisa ser ampliado, a fim de que novas formas de atuação diretas sobre o problema comecem a emergir de maneira mais efetiva.

Fica evidente no estudo, principalmente nos depoimentos emitidos pelos sujeitos (tanto professores quanto alunos) quão grave são as consequências do bullying,

principalmente quando vinculado diretamente ao processo ensino e aprendizagem de cada discente.

Nas falas dos sujeitos, fica perceptível a preocupação com os atos violentos dentro das escolas. Ao relacionarmos o bullying com as dificuldades de aprendizagem, em paralelo com o que foi evidenciado nas falas dos professores, podemos constatar que a aprendizagem dos indivíduos está ligada a sua motivação, autoestima e um convívio sadio com os seus pares. Assim, quando essa relação é rompida pela violência todo o processo de desenvolvimento do educando é afetado.

Comprendemos em face da pesquisa, que a discussão em torno do bullying não implica apenas reconhecer e trabalhar com agressor e a vítima. Pelo contrário, tal ação deve ir além, atingindo também os espectadores, ou seja, aquele que apóia os atos de agressão passivamente. Os atos omissos além de estimular outras agressões, amplia o senso de individualismos, contribuindo com o aumento dos atos ofensivos entre os jovens

De maneira geral as discussões acerca do bullying fica limitada apenas ao sujeito agredido, entretanto é preciso ressaltar que o agressor também precisa ser visto como alguém que precisa de ajuda. O sujeito agressivo, por meio dos seus atos, pode estar demonstrando uma realidade que não está dentro da escola, mas fora, no convívio familiar ou social.

Deste modo, entendemos que o trabalho de prevenção e combate ao bullying deve levar em conta tanto a vítima como o agressor, sendo este último, levando em consideração as análises, muito mais suscetível ao acompanhamento e tratamento.

Neste contexto, concluímos afirmando que os objetivos almejados na pesquisa foram alcançados, no entanto, consideramos a continuidade desta problemática um propósito a ser atingido, seja pela relevância social do tema seja pela sua persistência na vida cotidiana/profissional.

Ao fim deste Trabalho de Conclusão de Curso, portanto, esperamos que os resultados encontrados possam contribuir de forma proveitosa com esclarecimento acerca das condições que implicam no surgimento do bullying, bem como as consequências psíquicas impostas às vítimas deste fenômeno em ascensão.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência. (ABRAPIA). **Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Disponível em: < <http://d-f.scribdassets.com/docs/917atvtbwgv5452.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

ABRAMOVAY, Miriam. **Cotidiano das Escolas: Entre Violências**. Brasília: UNESCO, 2006. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265por.pdf> Acesso em: 9 jul. 2017.

ALKIMIN, M. A (org.). **Bullying: visão interdisciplinar**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

ALMEIDA, A.; CORREIA, I., ESTEVES, C., GOMES, S., GARCIA, D & MARINHO, S. **Espaços virtuais para maus tratos reais: as práticas de cyberbullying numa amostra de adolescentes portugueses**. Astor, R. A., Debardieux, E. e Neto, C. (editores). IV Conferência Mundial. Violência na Escola e Políticas Públicas. Cruz Quebrada: FMH, 2008.

O que sabemos da violência na escola e como podemos intervir. In: Fundação Prodignitate (ed.) Seminário nacional contra a violência. Lisboa: Contexto, 2008.

BRASIL. **Código Penal - Decreto-lei 2848/40 | Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislação/103275/Codigo-penal-decreto-lei-2848-40>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

BEAUDOIN, M. N.; TAYLOR, M. **Bullying e Desrespeito: como acabar com essa cultura na escolar**. Tradução: NETZ, S. R. – Porto Alegre: Artmed, 2007.

BOCK, A. M.B. et al. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2002.

BULGRAEN, Vanessa C. **O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento**. Revista Conteúdo, Capivari, v.1, n.4, Ago./dez. 2010. ISSN 1807 - 9539.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm> Acesso em: 19 mai. 2017.

CALGARO, F. **Sete em cada dez jovens no mundo sofrem cyberbullying, aponta estudo**. Disponível em: <http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/10/02/sete-emcada-dez-jovens-no-mundo-sofrem-ciberbullying-aponta-estudo.htm#comentarios>. UOL, São Paulo, 02/10/2013. Acesso em 03 jul. 2013.

CALHAU, Lélío Braga, **Bullying: o que você precisa saber? Identificação, prevenção e repressão.** Niterói, RJ: Impetus, 2009.

CANAU, V.M; LUCINDA, M. C; NASCIMENTO, M.G. **Escola e Violência.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

FANTE, C. **Fenômeno bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para paz.** 2ª edição, verus editora, Campinas, SP. 2005.

FANTE, C. **Bullying: o fenômeno hoje.** Disponível em: <http://www.guiarioclaro.com.br>
Acesso em: 18 jun. 2017, às 20:00 horas.

O Fenômeno Bullying e as suas Consequências Psicológicas. Disponível em: www.psicologia.org.br/internacional/pscl84.htm. Acesso em: 09 Jul. 2017, às 20:30 horas.

Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas, São Paulo: Versus, 2005.

FANTE, C. & PEDRA, J. A. **Bullying Escolar: perguntas e respostas.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

GISI, M. L.Ç BARBOSA, F. A. VALTER, C. C. N. **Bullying: um desafio para a formação de professores.** Anais do Seminário de pesquisa em Educação da Região Sul – ANPEDSUL. Realizado de 29 de julho a 1º de agosto de 2012. UCS- Caxias do Sul. Disponível: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2268/478>. Acesso em: 09 de Jul. de 2017.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica.** Campinas, SP: Alínea, 2001.

GUERRA, Marcelo. **Bullying pode gerar atos violentos.** Disponível em: <http://www.personare.com.br/bullying-pode-gerar-atos-violentos-m1373>. Rio de Janeiro, Brasil. Acesso em: 22 jun. 2017.

LEFFA, Vilson J. **Aprendizagem de línguas mediada por computador.** Universidade Católica de pelotas. Sd. Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/B Leffa CALL hP.pdf](http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/B%20Leffa%20CALL%20hP.pdf). Acesso em 06 jul. 2017.

LOPES, Neto AA. **Bullying - comportamento agressivo entre estudantes.** Jornal de pediatria (Rio J). 2005; 81 (5 Supl): S164- S172.

LOPES NETO, Aramis A.; SAAVEDRA, Lúcia Helena. **Diga não para o Bullying.** Rio de Janeiro: ABRÁPIA, 2007. LOPES NETO, Aramis A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. Jornal de Pediatria. Rio de Janeiro, 2005, pag. 164- 172.

LOPES NETO, Aramis A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes.** Jornal de Pediatria. Rio de Janeiro, 2005, págs. 164-172.

LOPES NETO, Aramis A.; SAAVEDRA, Lúcia Helena. **Diga não para o Bullying**. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2007.

MELO, Josevaldo Araújo de. **Bullying na escola: como identificá-lo, como preveni-lo, como combatê-lo**; Recife: EDUPE, 2010. 128p.

PRINA, F. **A violência na escola: da pesquisa ao projeto. A experiência da rede européia**. Nova Res. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS, 1, 2002, Brasília. Desafios e Alternativas: violência nas escolas. Brasília: U- NESCO, UNDP, 2003. p.145-183.

RAMOS, A.K.S. **Bullying: a violência tolerada na escola**. 2008. Disponível em:<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/802-4.pdf>. Acesso em 03 jul. 2017.

SANTOMAURO, B. **Cyberbullying: A Violência Virtual**. Rio de Janeiro: Revista Nova Escola, v.233, p. 1 à 8, 2010.

SILVA, A. B.B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

VENTURA, Mirian. **Direitos reprodutivos no Brasil**. São Paulo: M. Ventura, 2002.

TRUZZI, G. Cyberbullying, Cyberstalking e Redes Sociais: Os reflexos da perseguição digital. São Paulo, Revista de Criminologia e Ciências Penitenciárias, vol. 2 n. 3, 2012.

ANEXOS

| | |
|---|-----------|
| Anexo A - Termo de consentimento livre e esclarecido | 44 |
| Anexo B - Questões norteadoras sobre o bullying | 45 |
| Anexo C – Questionários aplicados aos alunos (as) | 47 |



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) e participar na pesquisa de campo referente ao projeto de pesquisa intitulado (a): _____, desenvolvida pela pesquisadora _____, a quem poderei contatar/consultar a qual-quer momento que julgar necessário através do telefone nº () _____ ou e-mail _____ Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais busca investigar processos de formação docente.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Educação, do Ministério da Educação.

Minha colaboração se fará de forma anônima por meio de _____

O acesso e a análise dos dados coletados se farão pela pesquisadora. Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse (a) estudo/pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Local e Data

_____, ____/____/____

Assinatura do(a) participante



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA**

I- IDENTIFICAÇÃO

1.1-Escola: _____

1.2-Município: _____

1.3-Sexo: Feminino () Masculino: ()

1.4-Idade: _____

1.5-Formação Profissional: _____

1.6-Tempo de experiência em sala de aula: _____

II- QUESTÕES NORTEADORAS SOBRE O BULLYING

1 - Como você conceitua o bullying?

2 - Em sua opinião, quais são as principais causas do bullying?

3 - A prática do bullying pode interferir na aprendizagem do aluno?

4 - Em sua concepção, a fobia escolar pode ser desenvolvida decorrente do bullying? Se possível justifique sua resposta.

5 - Em sua visão, como a escola de modo geral pode atuar frente ao combate ao bullying?

6 - Quais os fatores que levam as vítimas a não denunciar as agressões sofridas no espaço escolar?

7 - Partindo do ponto que escola e família devem caminhar lado a lado, qual o papel da família na tentativa de detectar se a criança está sendo vítima de bullying?

8 - Diante das situações vividas enquanto docente, você acha que o bullying afeta apenas a vítima?

Grata por sua colaboração!



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA**

QUESTIONÁRIO (Aluno)

IDENTIFICAÇÃO

- 1.1-Escola: _____
1.2-Município: _____
1.3-Sexo: Feminino () Masculino: ()
1.4-Idade: _____
1.5-Série: _____

1 - Como você conceitua o *bullying*?

2 - Você já sofreu algum tipo de *bullying*?

3 - Em sua opinião, quais são os sentimentos despertados nas pessoas vítimas do *bullying*?

4 - Você acha, que pessoas que sofrem com o *bullying*, tem sua aprendizagem prejudicada?

5 - Ao mesmo tempo que você foi vítima do *bullying*, você também fez uso dessa prática?

